

Universidade de São Paulo
Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes
Curso de Especialização “Arte na Educação: Teoria e Prática”

**DO PALCO AO CAMARIM E A ESCOLA: A INFLUÊNCIA DO
TRABALHO NUM COLETIVO DE TEATRO EM SALA DE AULA**

ANA FLÁVIA LIMA DA SILVA

São Paulo
2022

ANA FLÁVIA LIMA DA SILVA

**DO PALCO AO CAMARIM E A ESCOLA: A INFLUÊNCIA DO
TRABALHO NUM COLETIVO DE TEATRO EM SALA DE AULA**

**Monografia apresentada à Escola de
Comunicações e Artes da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de
especialista em Arte na Educação.**

Orientador: Samir Signeu Porto Oliveira

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus companheiros da Encena Cia. de Teatro, local em que crio, me movimento e me reinvento. Onde entendi que os processos artísticos saem dos palcos, salas de estudo e cochia, para invadir nossa vida e a vida de quem está ao nosso redor. Dando sentido a outras áreas de atuação. Trabalhar não precisa ser só pelo pão, e na Encena entendi isso.

Agradeço aos alunos com quem trabalhei até o momento, crianças, adolescentes e adultos, seja na educação formal ou não formal, na escola pública ou particular. As trocas e desafios diários que vivenciei me trouxeram até aqui.

Agradeço aos colegas de curso, por toda troca e inspiração, ainda que virtualmente. Aos professores tão generosos nas suas reinvenções. A toda ajuda do Ricardo Alves, facilitando processos burocráticos e financeiros dificeis, e ao meu orientador o professor Samir Signeu Porto Oliveira pela paciência, disponibilidade e toda atenção.

RESUMO

Compartilhamento de proposta que exemplifica como a experiência da artista em um coletivo de teatro influencia o trabalho como arte educadora em escolas e organizações sociais. Através da análise de aulas/oficinas inspiradas por práticas artísticas vivenciadas no teatro como criação de personagens, subtextos e histórias à partir da leitura de imagem e da adaptação de jogos teatrais; para compreender como essa prática pode inspirar, potencializar as aulas de arte ou ainda mesclar conteúdos de diferentes linguagens artísticas, aliando essas aulas e conteúdos a recursos tecnológicos, novas mídias e até a relação com o meio ambiente.

Com a realização deste trabalho, aspectos que eram intuitivos ganharam uma dimensão analítica, que podem contribuir com estudos que tenham como tema a relação do trabalho de artistas que também atuam na educação formal ou não formal. Buscando compreender benefícios e desafios da prática e experiência artística na educação.

Palavras-chaves: 1. Arte Educação; 2. Artistas Educadores; 3. Leitura de Imagem; 4. Jogos Teatrais; 5. Ocupação Artística.

SUMÁRIO.

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – A CHEGADA.....	3
CAPÍTULO 2 – EXPERIMENTANDO SER MALALA.....	6
CAPÍTULO 3 – OCUPAÇÃO SOMOS TODOS MALALA	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERENCIAL TEÓRICO	20

INTRODUÇÃO

Sempre fui atriz. Desde a adolescência. Com todos os conflitos e descobertas dessa fase sempre tive essa certeza: sou atriz.

Ao longo da minha trajetória profissional atuei em muitas áreas, onde era possível, onde me cabia, onde minha experiência ou não experiência permitia, onde pagava. Trabalhei em telemarketing, com vendas, na área administrativa. Já fui secretaria, auxiliar, assistente, analista e embora tudo isso pagasse as contas, nunca fui do mundo corporativo, atuava nesse lugar como intrusa, era canastrona, desencaixada e usava figurinos horríveis.

Com o passar dos anos percebi que tudo que aprendi com propriedade veio da arte, e mais especificamente do teatro, estudando para compor personagens, criar cenários, figurinos, retratar épocas, contando histórias, pesquisando e reinventando narrativas. Principalmente na Encena Cia. de Teatro, coletivo em que atuo a alguns anos. Me dei conta de que tudo isso que eu fazia na prática há anos era também educação. Uma janela enorme se abriu, percebi que não precisava continuar atuando em áreas tão distantes da minha vocação visando garantir minha sobrevivência. É chover no molhado dizer que é muito difícil viver de arte no nosso país, viver como educadora também não é tarefa fácil, mas em muitos aspectos se aproxima da minha prática artística e não preciso ficar todo tempo tentando ser o que não sou.

São muitos os desafios como educadora, pelos planejamentos escolares as pessoas que atuam lecionando artes parecem precisar saber de tudo, sobre o mundo inteiro, de arte clássica a cultura pop, de escultura a performance, de teatro do oprimido à danças populares, de arte oriental a arte indígena contemporânea, de desenho a vídeo art, de quadrinhos a cinema, e recentemente devido a pandemia, de todos os meios digitais e experiências educativas virtuais, visando garantir o acesso a metodologias ativas. Fora as datas comemorativas em que esses profissionais precisam ser produtores de eventos. Nessa rotina de assuntos e temas tão diversos, tempo curto para planejamento e desenvolvimento do trabalho, acabo recorrendo a minha experiência artística, normalmente propondo vivências práticas que muitas vezes se relacionam e/ou se apoiam com o universo do teatro, penso que trabalho dessa forma nos lugares em que atuo como professora porque concordo com LAROSSA (2001:02), que afirma “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.”

Na monografia que estou apresentando compartilharei uma experiência de um projeto voltado para educação não formal intitulado “Somos Todos Malala”, desenvolvido com crianças e adolescentes de 07 a 14 anos do CCA (Centro para Crianças e Adolescentes) Obra do Berço, que fica na Rua do Chico Nunes nº 173, Vila Andrade, em que recorri a minha prática artística de criar personagens, conhecer e contar histórias, para desenvolver um projeto voltado a educação e a produção artística. Além da possibilidade da criação de um pensamento crítico sobre os temas abordados e o cotidiano dos participantes porque ainda citando LAROSSA (2001:01) “pensar não

é somente "raciocinar" ou "calcular" ou "argumentar", como nos têm sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que se nos acontece".

Penso que é válido compartilhar essa vivência, pois a mesma me abriu muitas possibilidades como educadora, trouxe pertencimento às crianças e adolescentes envolvidos, além da criação de várias personagens inspiradas na Malala, que viraram fotografias, quadros, exposição, uma ocupação na verdade, espalhando uma mensagem importante de que o futuro pode ser melhor com acesso a educação, e como disse a própria MALALA (2021:309), ativista que inspirou o projeto, na assembleia geral da ONU em julho de 2013 “ A educação não é oriental nem ocidental. A educação é a educação, e é direito de cada ser humano”.

Nesse projeto vivenciamos arte em mais de uma linguagem, já que trabalhamos com fotografia, pintura e criação de personagens, o fazer esteve presente o tempo todo. As vezes acreditamos que arte é algo distante e fora da nossa vida, da nossa rotina, mas não é ou não precisa ser. É importante vivenciar, consumir, apreciar, fazer arte. Seja para ampliar o conhecimento ou como forma de expressão e crítica, Ana Mae Barbosa nos ensinou isso já faz um tempo:

A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2003, p. 18).

No primeiro capítulo da monografia abordarei a minha chegada ao CCA Obra do Berço no Jardim Rebouças, um pouco do que trabalhei com as crianças e adolescentes até receber a demanda de um projeto que abordasse a Malala (pessoa e biografia) e dialogasse com o meio ambiente, uma ponte um tanto distante entre temas que seriam trabalhados pelo CCA, por oficineiros e orientadores socioeducativos. No segundo capítulo abordarei o processo de trabalho, as ideias e desafios que foram surgindo e como o projeto se transformou em uma grande ocupação. E no terceiro capítulo compartilharei resultados e avaliação do projeto.

CAPÍTULO 1 – A CHEGADA

Sou moradora do Campo Limpo na Zona Sul, periferia de São Paulo. Cresci nessa região, bairro de muitos nordestinos como os meus pais e pouquissimos equipamentos públicos de lazer e cultura. O Campo Limpo já foi uma área usada por treinadores de cavalos do Jóquei Clube de São Paulo, já foi um bairro dormitório para moradores que trabalhavam no centro da cidade e em Santo Amaro, agora é um distrito que não é mais tão limpo como no passado e abriga muitos bairros como o Jd. Rebouças.

O Jd. Rebouças é um bairro colado ao Morumbi e todas as suas contradições. De um lado condomínios de alto padrão, shoppings, carros de luxo, de outro ocupações e favelas. Tudo converge desarmóniosamente, deixando claro que o Morumbi é um local de diferenças econômicas, culturais e muita vulnerabilidade social.

Em 2019 fui trabalhar como educadora de artes no CCA (Centro para Crianças e Adolescentes) Obra do Berço, trata-se de um equipamento ligado ao CRAS (Centro de Referência de Assitência Social) a porta de entrada das famílias para a política de assistência social, onde promovem cursos, oficinas, ações voltadas a saúde e a cidadania para crianças e adolescentes no contraturno escolar. Frequentar a escola é quesito obrigatório para que crianças e adolescentes usufruam do que é oferecido nesses serviços. Em que também existe a preocupação com alimentação, bem estar, com o socioemocional além do trabalho com as famílias do território.

Quando cheguei conheci o ateliê, espaço de produção e criação artística, com mesas, materiais de arte, lavatório, o que é raro na região. Mediava oficinas de artes duas vezes na semana, trabalhei com música, dança, artes visuais, literatura e teatro. Preparei um carnaval, fiz bonecos inspirados nos bonecões de Olinda, trabalhei de forma adaptada com xilogravura, criei com as turmas livros inspirados pela literatura de cordel e num determinado momento fui informada de que as turmas trabalhariam com o livro “Eu Sou Malala” a biografia de Malala Yousafzai, e que esse trabalho deveria se estender as oficinas de artes.

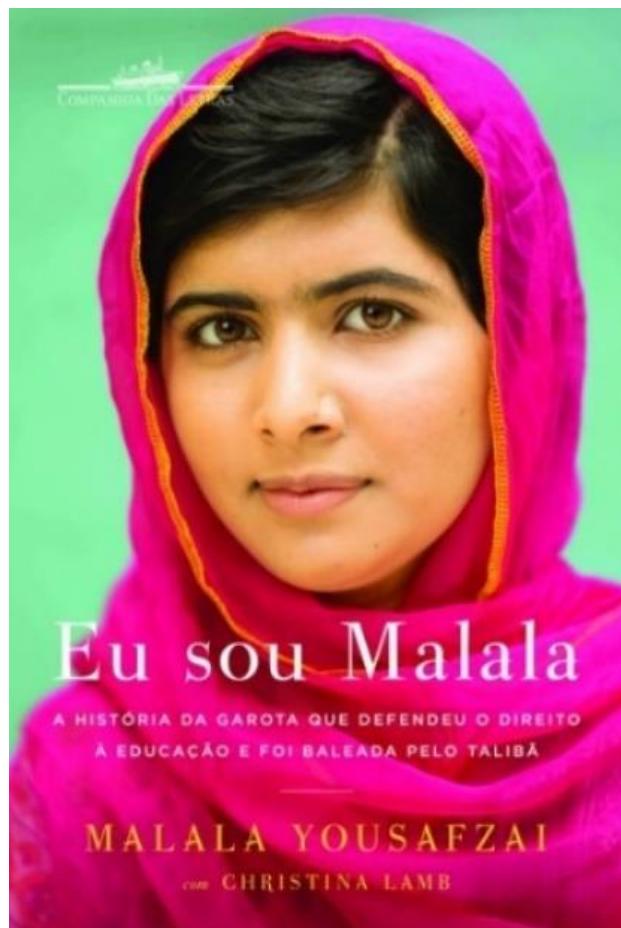
Não fiz parte dessa decisão, foi uma imposição, fui informada apenas, estava trabalhando com temática sobre o nordeste brasileiro e não conhecia em detalhes a biografia de Malala. Como virar essa chave assim de forma tão brusca? É assim na escola formal também. Os conteúdos mudam totalmente da noite para o dia. Para encontrar motivação e sentido para a nova demanda me apoei no conselho de SPOLIN (2010:34) “seja flexível. Altere seus planos no momento em que achar aconselhável, pois quando o fundamento em que está baseando este trabalho for compreendido e o professor conhece seu papel, ele poderá inventar muitos exercícios e jogos para enfrentar um problema imediato.”

Vale ressaltar que o livro Improvisação para o Teatro de Viola Spolin caminhou comigo durante todo o processo que viria a seguir, com provocações, propostas, sugestões. Além dessa biografia companheira precisei ler a biografia de Malala, me inteirar dessa história para estabelecer relações possíveis e um planejamento de trabalho. A Malala é uma garota que nasceu em uma província do Paquistão no outro lado do mundo, com cultura e costumes muito diferentes dos nossos, como estabelecer uma conexão?

Malala luta pelo direito à educação, para frequentar o CCA era obrigatório frequentar também a escola, essa foi uma possível relação, mas não a única. Certo dia uma criança chamada Sofia disse que não tinha dormido bem, porque seu pai passou a noite brigando com um bichinho; disse assim com essas palavras, eu muito ingênuo perguntei se o bichinho era um gato ou um cachorro. Sofia me respondeu, com muita naturalidade, que era um rato enorme, que estava incomodando a semana toda. A Sofia morava em uma ocupação, um lugar sem estrutura, sem saneamento básico, havia acabado de voltar para a escola para ter a vaga no CCA garantida; e junto com a vaga reforço escolar, alimentação, dentista. Com esse relato percebi que a violência atravessava a vida dessas duas meninas, e que os sonhos de Sofia e de Malala eram parecidos. As duas queriam ter um futuro melhor, pleno, queriam estudar, brincar, ser felizes. Existiam muitas Sofias no CCA; meninas e meninos com histórias tão difíceis quanto, casos de violência física, de abuso sexual, de abandono. Estar no CCA era um alívio para muitas crianças, já que contavam com proteção, cuidado, e para estar no CCA era obrigatório frequentar a escola.

Além da leitura do livro Eu sou Malala, assistir a biografia Malala de Davis Guggenheim, a animação “Mulheres Fantásticas #1 | Malala Yousafzai, e muitas entrevistas fez parte da minha preparação. Era essencial saber mais daquela menina de lenços coloridos e muita coragem. Mas o que me inspirou mesmo e trouxe a ideia de transformar as crianças e adolescentes do CCA em Malalas foi a capa da biografia. Em que a personagem, a menina, aparece muito imponente, com lenço cor de rosa, olhar expressivo, um sorriso meio monalisa com cabelos escuros. Trata-se de uma imagem forte, que também gera curiosidade e até admiração. Partimos daí, da leitura dessa imagem:

Fig. 1 – Capa de Livro **Eu Sou Malala** - USAFZAI, Malala e Christina Lamb – 2013



O início do projeto foi inspirado pelas minhas pesquisas mas sem deixar de ser também intuitivo, pautado na experiência da leitura de imagem, e criação de uma possível história à partir desse contato imagético inicial, ainda inspirada pela prática proposta por Viola Spolin:

Experienciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organizadamente com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo. Dos três, o intuitivo, que é o mais vital para a situação de aprendizagem, é negligenciado. A intuição é sempre tida como sendo uma dotação ou uma força mística possuída pelos privilegiados somente. No entanto, todos nós tivemos momentos em que a resposta certa “simplesmente surgiu do nada” ou “fizemos a coisa certa sem pensar.” As vezes em momentos como este, precipitados por uma crise, perigo ou choque, a pessoa “normal” transcende os limites daquilo que é familiar, corajosamente entra na área do desconhecido e libera por alguns minutos o gênio que tem dentro de si. Quando a resposta a uma experiência se realiza no nível do intuitivo, quando a pessoa trabalha além de um plano intelectual constrito, ela está realmente aberta a aprender. (SPOLIN,2010, p. 03)

E assim começava um processo prático, criativo, de muitas descobertas e aprendizado constante. Não sem dúvidas, totalmente livre de certezas absolutas, tudo se deu no processo, através do processo de construção e reconstrução.

CAPÍTULO 2 – EXPERIMENTANDO SER MALALA

Início esse capítulo refletindo sobre a importância da experiência, e como esse processo se dá na minha prática como educadora recorrendo a LAROSSA quando diz:

A palavra experiência vem do latim experiri, provar [experimentar]. A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. (LAROSSA, 2001, p.06).

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão.(LAROSSA, 2001, p.07).

Assim como eu as crianças e adolescentes leram a biografia “Eu Sou Malala”, também assistiram o documentário “Malala” de Davis Guggenheim e fizemos rodas de conversa sobre essa história. A participação das crianças e adolescentes foi ativa, acredito que o convencimento se deu pela narrativa, nos juntávamos para falar da vida de alguém e como quase todo mundo ama uma fofoca, deu certo. Tantas coisas chamaram a atenção: a roupa de Malala, os lenços, os seus costumes, os longos cabelos parecidos com os de algumas meninas do CCA, o lugar que ela morava, a relação com a família, a cor da pele.

Comentários sobre o tiro que Malala levou surgiam de forma sensacionalista, assim como esses programas de fim de tarde, “*como pode um pipôco no olho e não morrer?!*” comentou um adolescente desacreditado. Paralelos foram traçados em nossas rodas de conversa: sobre a religião que determina muitos comportamentos, a pobreza de onde Malala morava, o machismo que tira oportunidades, a falta de acesso, a relação afetuosa que ela tinha com a família mesmo com dificuldades. A descoberta da experiência violenta que a Malala passou foi chocante pela idade da menina, pela forma objetiva com que aconteceu, mas por outro lado muitos não viam como algo impossível, relacionaram com as balas perdidas que acham pessoas pobres no nosso país.

Após tantas reflexões, paralelos e comentários, percebemos que não era possível imitar ou viver Malala de fato; já que as diferenças eram muitas, mas homenageá-la sim, a decisão aconteceu assim organicamente e como afirma SPOLIN (2010:18) “é a partir da vontade de compreender o processo orgânico que o nosso trabalho se torna vivo.”

A partir dessa constatação, em grupo, chegamos a conclusão de que nosso trabalho poderia ser uma homenagem para essa garota que quase perdeu a vida apenas por querer estudar. Um desejo em comum com as crianças e adolescentes do CCA. Mesmo as que não gostavam tanto de estudar, valorizavam esse direito, gostavam de ir para escola, para brincar, encontrar amigos e entendiam, intuitivamente, que era muito importante ter esse direito garantido para meninos e meninas.

Para evitar que a palavra intuitivo torne-se vazia ou que a usemos para conceitos ultrapassados, utilize-a para denotar aquela área do conhecimento que está além das restrições de cultura, raça, educação, psicologia e idade; mais profundo do que as roupagens de maneirismo, preconceitos, intelectualismos e adoções de ideias alheias que a maioria de nós usa para viver o cotidiano. Ao invés disso abracemo-nos uns aos outros

em nossa pura humanidade e nos esforçemos durante as sessões de trabalho para liberar essa humanidade dentro de nós e de nossos alunos. Então, as paredes de nossa jaula de preconceitos, quadros de referência e o certo-errado predeterminado se dissolvem. (SPOLIN, 2010, p.18)

Nossa homenagem/projeto começou com uma sessão fotográfica, orientei as turmas para fazer esse processo com uma foto em plano americano, focando o rosto, as expressões, que fossemos honestos. usamos um celular com boa resolução, o meu celular. Praticamente todos os alunos foram fotógrafos e modelos. Uma coisa importante em posar para a foto era o subtexto, esse recurso tão necessário no teatro, é o que fica pairando em nossa cabeça quando vivemos um personagem, o que pulsa dentro de nós, “E se eu fosse Malala que expressão teria?” “O que diria com meus olhos?”. A criação da personagem começava nesse momento; imaginando o que Malala faria, pensaria, o que poderia sentir, mas partindo da experiência, vivência, conhecimento daquela criança ou adolescente do Jd. Rebouças. Todos usaram um lenço como adereço/figurino, a referência foi a foto que está na capa do livro “Eu Sou Malala”. Ainda muito inspirada pelos exercícios do livro “Improvisação para o Teatro” de Viola Spolin, adotei o lenço como objeto principal para criação das fotos, a expressão da personagem começou a surgir a partir do contato com os lenços, foi nossa principal substância para produção das fotos.

Cada time deve selecionar um objeto ou substância (areia, barro etc.) através do acordo grupal. Quando o time tiver a um acordo, ele vai para o palco. Todos os membros do time usam o mesmo objeto ou substância simultaneamente. PONTO DE CONCENTRAÇÃO: focalizar toda a energia em um objeto - seu tamanho, forma, textura, temperatura etc. INSTRUÇÃO : Sinta a textura! Sinta sua temperatura! Sinta seu peso! Sinta sua forma! PONTO DE OBSERVAÇÃO Tarefa para casa: Peça aos alunos para tomarem alguns minutos de. cada dia para pegar e manipular objetos, depois colocar o objeto sobre a mesa e tentar lembrar como ele era. (SPOLIN, 2010, p.52).

Existe um contraste entre os lenços das fotografias produzidas pelas crianças e adolescentes e o lenço que Malala usava. O de Malala era leve, vibrante. Os das crianças e adolescentes mais sóbrios, pesados, quentes. Talvez porque seja um adereço que usamos no outono/inverno, para aquecer em vez de cobrir e enfeitar. Diferença cultural mesmo. Ou porque eram os lenços que eles tinham em casa. O adereço, lenço, foi compartilhado com aqueles que não trouxeram ou não tinham em casa. As sessões renderam muitas fotografias de crianças, adolescentes e até funcionários do CCA, um grande book de Malalas periféricas, algumas sorridentes, outras pensativas, mas todos buscando representar e homenagear a personagem.

Fig. 2 – Algumas fotografias como Malala - 2019



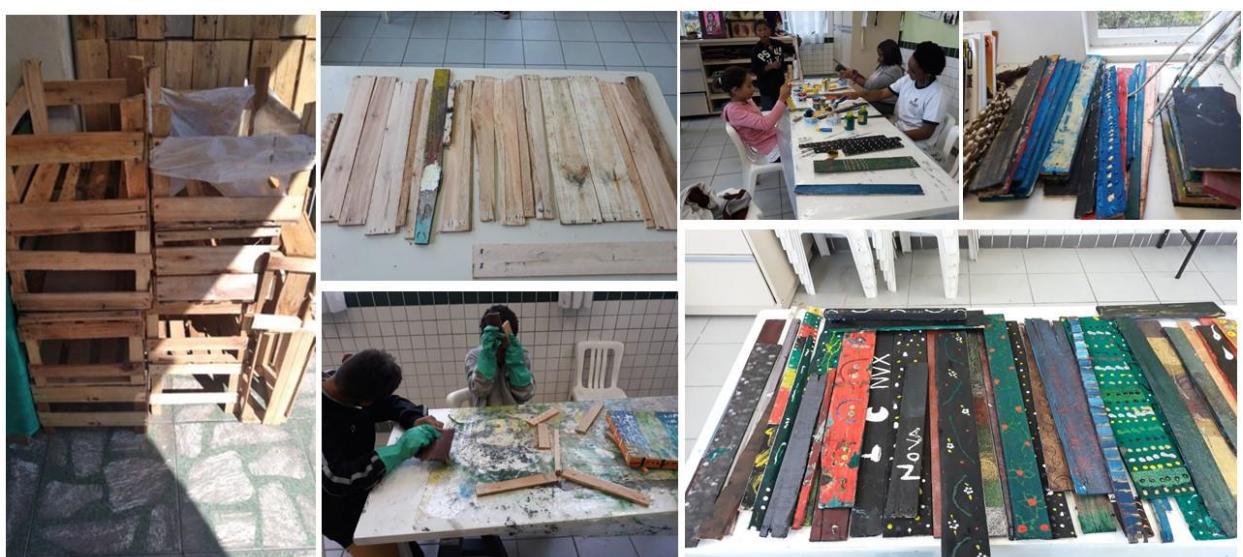
Depois as fotografias foram impressas e, individualmente, cada criança e adolescente fez intervenções em sua foto: pintando com lapis de cor, canetinhas, tinta, fazendo colagens, mudando traços, enfeitando. Usamos materiais variados. Após essa criação as fotos foram recortadas e coladas em papel cartão e as crianças e adolescentes precisavam pensar em frases relacionadas a educação; inspiradas por Malala ou para Malala.

Fig. 2 – Fotografias com intervenções - 2019



Tive duas demandas para desenvolver esse projeto: a primeira, trabalhar com Malala (pessoa e biografia) e a segunda, de alguma forma, relacionar com o meio ambiente. A reflexão sobre meio ambiente passava por todos os projetos desenvolvidos no CCA, também não foi algo pensado e proposto por mim. Nesse aspecto, levei essa necessidade para o material usado nas molduras, novamente a intuição. As fotografias poderiam ser um quadro emoldurado, o que valorizaria a obra e facilitaria uma possível exposição. No próprio CCA tínhamos caixotes de feira disponíveis. Observando o material que estava no lixo, pensei que se os mesmos fossem limpos, desmontados, lixados e pintados, serviriam de molduras interessantes, assim fizemos:

Fig. 3 – Processo Molduras (limpeza, desmontagem, pintura) - 2019



Após o trabalho com as molduras, envolvendo todos os alunos, montamos os quadros que foram colados e pregados com grampeador rocama. Todo esse processo de conhecer Malala, fotografar, intervenções nas fotos, fazer e montar as molduras, foi mediado por mim, mas com participação ativa das crianças e adolescentes. Foi um processo artesanal, autoral e lento. Entre tirar a fotografia e ter as molduras montadas, levamos oito semanas; com oficinas de 1h30, duas vezes por semana, para cerca de cem crianças e adolescentes, divididas em dois turnos: duas turmas de manhã e duas turmas a tarde. Muitos rostos e mãos envolvidos no projeto.

Fig. 4 – Algumas obras prontas emolduradas - 2019



O resultado desse processo foi uma exposição, que ocupou todos os espaços do CCA: secretaria, refeitório, corredores e outros serviços que ficavam no mesmo prédio, pelo período de 31/10/2019 à 23/11/2019, seis semanas. E nesse meio tempo ninguém tirou ou destruiu uma obra, houve uma relação de admiração, respeito e pertencimento pelo trabalho.

Fig. 5 – Cartaz da Exposição “Somos Todos Malala” - 2019

A Exposição "Somos todos Malala" surgiu a partir do nosso contato com a história de vida e luta dessa jovem ativista. Tão longe de nós geograficamente e tão perto em sonhos e necessidades, Malala nos ensinou que luta também é coisa de gente muito jovem. Nossas armas podem ser o lápis, o papel, o livro, e principalmente a sede de conhecimento, o aprendizado, que ninguém pode tirar de nós, por isso tanto nos enriquece e fortalece.

Documentário, ensaio fotográfico, criação de quadros e molduras fizeram parte desse processo prazeroso, criativo e sustentável.

Fique à vontade para apreciar a exposição e quem sabe se inspirar nas palavras de Malala:

“... a educação não é oriental nem ocidental. A educação é a educação e é o direito de cada ser humano.”

Use e abuse desse direito, lute por ele.

Flávia Lima
Educadora de Artes

Somos Todos Malala



Exposição

Realização:

Obra do Berço

Locais: PEEJ, Refeitório, CEI, NOVA

PREFEITURA DE SÃO PAULO
ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Fig. 6 –Imagens da Exposição “Somos Todos Malala” – 2019

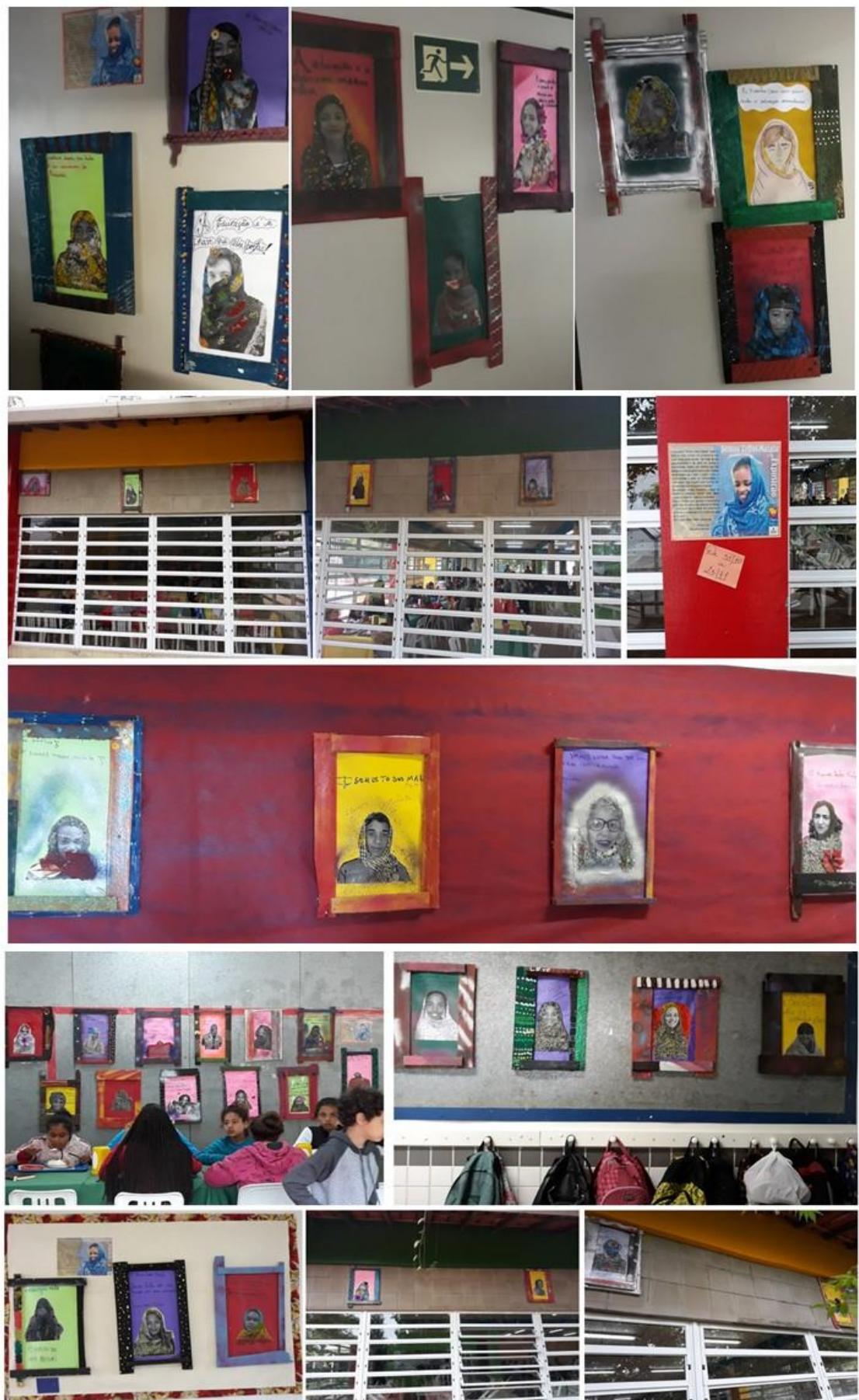
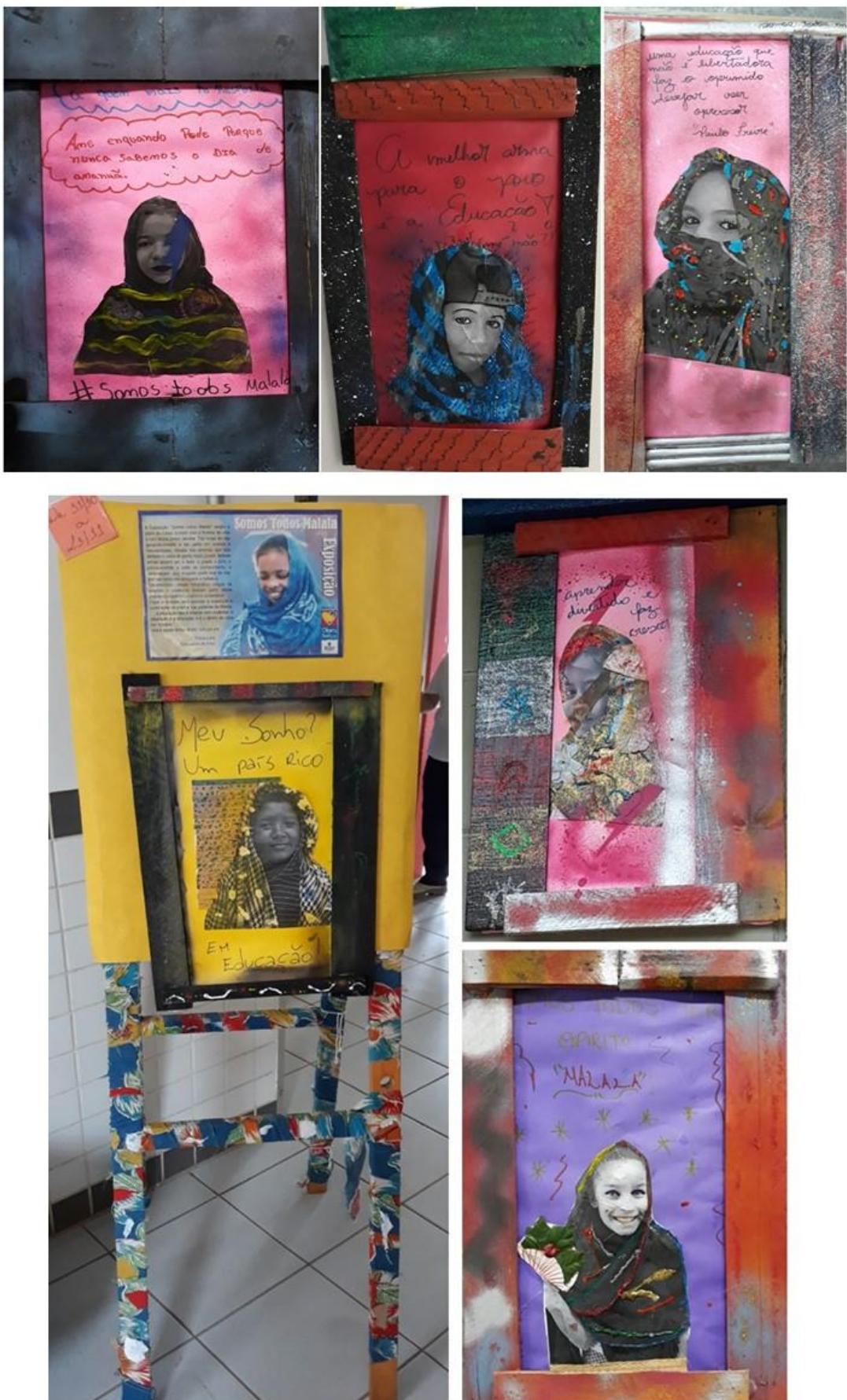


Fig. 7 –Imagens da Exposição “Somos Todos Malala” – 2019



CAPÍTULO 3 – OCUPAÇÃO SOMOS TODOS MALALA

Um sistema de trabalho sugere que, seguindo um esquema de procedimento, podemos juntar informações e experiências suficientes para emergir com uma nova compreensão do meio com o qual trabalhamos. Aqueles que trabalham no teatro com sucesso têm seus modos de produzir resultados; consciente ou inconscientemente, eles têm um sistema. Em muitos professores-diretores altamente habilitados, isto é tão intuitivo que ele não têm fórmula. Quantas vezes assistindo a uma demonstração ou a uma conferência sobre teatro pensamos: “As palavras estão corretas, o princípio está correto, os resultados maravilhosos, mas como podemos fazer isso?”(SPOLIN, 2010, p.07).

Todo o CCA se mobilizou pelo projeto e pelo sistema de trabalho aqui descrito, de funcionários da secretaria as moças da limpeza: pensando nos espaços em que as obras ficariam, ajudando a montar a exposição que virou uma grande ocupação, divulgando a exposição para famílias, visitantes e redes sociais do CCA, estabelecendo relações entre outras aulas e oficinas; virou um projeto integrado.

Funcionários do CCA, familiares, crianças e adolescentes sentiram muito orgulho do trabalho, apreciaram e cuidaram das obras durante todo o processo e muitos fizeram questão de levar o quadro para casa no final do ano. Isso é muito significativo pensando que a exposição foi resultado de um processo de oficinas semanais. É pouco tempo para adquirir uma prática artística, fazendo parte e entendendo o processo no processo, mas ainda assim aconteceu.

Como oficineira eu tinha menos tempo e vínculo com as crianças e adolescentes que os orientadores socieducativos que trabalhavam diariamente com as turmas, mas como o projeto se expandiu foi possível, se tornando algo grandioso, de referência no histórico do CCA. Que até aquele momento pensava ou promovia as oficinas de artes apenas para livre expressão ou como prática decorativa em festas e eventos do espaço. Devo registrar que ao longo do ano foi inevitável fugir da decoração do sarau, das bandeirinhas da festa junina, das árvores e sinos natalinos. As organizações sociais não são diferentes das escolas nesse aspecto e conforme Ana Mae Barbosa:

Em minha experiência tenho visto que Artes Visuais ainda estão sendo ensinadas como desenho geométrico, seguindo a tradição positivista, ou continuam a ser utilizadas principalmente nas datas comemorativas, na produção de presentes muitas vezes estereotipados para o dia das mães ou pais. A chamada livre expressão, praticada por um professor realmente expressionista ainda é uma alternativa melhor que as anteriores, mas sabemos que o espontaneísmo apenas não basta, pois o mundo de hoje e a Arte de hoje exigem um leitor informado e um produtor consciente. A falta de uma preparação de pessoal para entender Arte antes de ensiná-la é um problema crucial, nos levando muitas vezes a confundir improvisação com criatividade. (BARBOSA, 2002, p.14)

Não que os improvisos não existam no decorrer do processo, eles existem, usar os caixotes de feira para suprir a necessidade de trabalhar meio ambiente de alguma forma foi também um improviso, sem deixar de ser criativo, possível.

Após o término da exposição/ocupação, a mesma virou uma instalação em uma sala, com visitações em uma mostra de final do ano. Nessa instalação o corpo de Malala aparecia caído após o tiro, era sensacionalista sim, talvez até mesmo um pouco mórbito, mas também era divertido

brincar de ser corpo estendido no chão. Adolescentes criaram essa “cena do crime”, estabelecendo mais um desdobramento entre artes visuais e teatro. A narrativa cresceu, tomou ares de suspense.

A ideia surgiu de um improviso proposto por mim, enquanto montávamos a sala, provocado pelos questionamentos: lembram do momento em que a Malala quase morreu? Como vocês acham que aconteceu?

Meio como uma brincadeira, um jogo, os adolescentes performaram o que/como poderia ter sido o momento do tiro, teve muito de BOAL (1991, p.19) e do seu Teatro do Oprimido nesse processo em que “a Arte recria o princípio criador das coisas criadas”.

Nesse momento passamos a ter personagem, cenário e uma narrativa. Que conforme montávamos a sala ía se transformando em outras narrativas, outras Malalas, outros atiradores, outros motivos. De forma improvisada e orgânica outros personagens iam surgindo: “*eu quero ser o pai desesperado*”; “*a Marília pode ser a colega invejosa que não sofreu quando a menina quase morreu*”; “*Eu sou o irmão mais novo que vou ficar com a cama dela*”; “*Prô posso fazer o atirador sangue no zóio que errou porque é meio miope?*”.

A improvisação só pode nascer do encontro e atuação no presente, que está em constante transformação. O material e substância da improvisação de cena não são trabalhos de uma única pessoa ou escritor, mas surgem da coesão de um ator atuando com outro. A qualidade, amplitude, vitalidade e vida deste material está em proporção direta ao processo que os alunos estão atravessando e realmente experienciando em termos de espontaneidade, crescimento orgânico e resposta intuitiva. (SPOLIN, 2010 p.18)

Não fosse final do ano o projeto poderia facilmente continuar. Com improvisos, criação de roteiros, cenas, esquetes, quem sabe uma peça inteira a partir da leitura de uma imagem, de uma fotografia, e do contato com uma biografia, com uma cultura diferente, mas de uma personagem que é tão humana, tão cheia de camadas, que é possível estabelecer relações e paralelos entre as histórias desses mundos distantes, Brasil e Paquistão; culturalmente diferentes, mas que nele habitam crianças e jovens com problemas parecidos (violência, privação de direitos) e os mesmos sonhos.

No final desse ano acabei deixando o CCA Obra do Berço, fui trabalhar em um outro lugar, e como feedback pelo trabalho ouvi da coordenação que: “*esse ano as crianças fizeram arte, nunca vimos tanto disso pelo espaço. Foi caótico, teve sujeira, bagunça, e por momentos achamos que as coisas não sairiam, mas como numa bicicleta, sempre em movimento, através da sua orientação e trabalho os coisas acontecerem. E nossos jovens fizeram arte*”.

Fig. 8 – Imagens Ocupação artística – 2019



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Normalmente quando inicio um projeto na educação não sei com exatidão como vai terminar, posso imaginar, planejar, projetar, escrever sobre, fazer cronograma. Mas no caminho os rumos mudam, o destino final pode deixar de ser o que foi imaginado no ponto de partida. As vezes é difícil prever o meio de um projeto, muitas coisas se dão pela tentativa e erro. Isso é cansativo mas parece ser parte do processo de trabalhar com práticas artísticas. A coisa vai se construindo, crescendo, se modificando. Intuitivamente ou pela experiência no percurso. No caso do projeto aqui apresentado não foi diferente. A experiência começou pequena, uma leitura de imagem, uma roda de conversa, a criação de uma fotografia, e acabou virando uma ocupação artística, uma jibóia bonita, com folhagens fortes que vai ocupando as paredes, cheia de personagens vivas, esperançosas, criativas. Enchendo de orgulho as crianças e adolescentes que apareciam nas obras. É bonito se ver como obra de arte, muitos sentiram esse bem estar, essa valorização da própria imagem, da própria beleza, da excentricidade ou característica única. O projeto poderia ter virado cenas, esquetes, uma peça, um grupo de teatro, um núcleo de estudos em artes, os desdobramentos possíveis eram muitos.

Foi um caminho de ladeiras, ruas com buracos e entulhos, muros com grafites caóticos, como são as ruas da periferia, mas o destino final foi tão colorido, diverso e cheio de significados. E seguiu caminhando lado a lado com o teatro, primeiro com a criação de personagens e depois com a criação de histórias. Novamente a minha prática e experiência artística invadiu e deu sentido ao processo.

As vezes penso que gostaria que esse meu caminho, que minha prática de trabalho fosse mais objetiva, mais tranquila talvez. Gostaria de seguir um plano, uma “cartilha” e não ter que ficar sempre recorrendo ao meu repertório. Ainda não sei fazer isso, nenhum processo é tranquilo, e também não trabalhei em locais que fossem assim, que as coisas estivessem prontas. É sempre um terreno com mato pra carpir, limpar, plantar, regar, podar, colher e fazer a torta. Penso que o processo que passei escrevendo essa monografia pode me ajudar nesse sentido, de organizar as minhas experiências para recorrer ao meu repertório com mais facilidade, sem precisar me reinventar do começo todas as vezes. Acessando todas as minhas gavetas e inspirações como Viola Spolin, Augusto Boal e Ana Mae Barbosa citados ao longo dessa monografia. Será possível criar o “Manual Prático Flávia de Experiências e Inspirações”? Não sei. O livro/manual Improvisação para o Teatro da Viola Spolin, certamente seguirá me ajudando.

Pessoalmente falando a experiência que compartilhei aqui foi de muito aprendizado, pude me alimentar de uma outra cultura, de histórias de vidas, de possibilidades de criação, de reutilização de materiais, de curadoria. E foi mais uma prova de que com disposição e vontade é possível criar, transformar. Ouvindo a intuição, acessando a criatividade, recalculando as rotas quando necessário, procurando sentido e relação entre os processos educativos e a vida, ao que acontece fora da escola ou de outros espaços que promovem educação, como o CCA em que trabalhei.

Penso que para as crianças e adolescentes envolvidos foi um processo que gerou muita reflexão: sobre a escola, sobre o que acontecia no CCA, sobre o território, sobre violência e direitos, sobre o futuro, sobre os sonhos, sobre a possibilidade de estudar, criar, avançar, causar com seus corpos no mundo, como são. Se reconhecendo e valorizando. Além de ter sido um trabalho autoral, em que a criação e criatividade das crianças e adolescentes estiveram presentes o tempo todo. Foi um processo de muita autonomia e de escolhas. Quem esteve presente, quem esteve representado nas obras, foi porque assim o quis.

Para o CCA, de acordo com o feedback que recebi, foi muito bom, ainda que aparentemente caótico, eram muitas pessoas envolvidas, muita tinta, muita madeira, muito quadro pra pendurar, mas o espaço foi inteiramente ocupado por uma exposição criada lá, não foi algo que veio de fora para que os frequentadores apenas contemplassem, foi o resultado de um processo que só aconteceu porque o espaço existe e promoveu, deu condições, recursos, autonomia para que as oficinas acontecessem. Em nenhum momento fui podada, existiam restrições orçamentárias que tem em todo lugar, seja escola ou na educação não formal. Mas tudo que propus pôde acontecer, ainda que eu estivesse experimentando, tentando, entendendo, desenvolvendo. Outro benefício da proposta é que acabou se tornando um projeto integrado, outros oficineiros e orientadores socioeducativos também se envolveram com a produção e exposição. Na verdade só foi possível por causa do interesse de todos envolvidos. Não dá pra se iludir achando que é possível desenvolver sozinha um projeto desse tamanho.

A visibilidade que a exposição recebeu também foi importante, o CCA se assumiu como um espaço que reflete e promove arte. As famílias das crianças e adolescentes também acessaram a exposição, mesmo os que não entendiam muito bem ou não sabiam quem era Malala se orgulhavam da dimensão e qualidade do trabalho realizado pelos filhos, netos, sobrinhos. As crianças e adolescentes tiveram um papel fundamental também nesse processo de contar para as famílias quem era Malala, que projeto era aquele, que história é essa de educação!

Penso que tudo que descrevi até o momento só foi possível porque também sou artista, porque movimento saberes e experiências, aproveito das minhas vivências em um coletivo de teatro para potencializar o meu trabalho prático em outros lugares, porque acredito no poder da

experiência, do fazer, da troca, do aprendizado entre as pessoas, através do interesse mutuo. Isso me coloca em movimento, em estado de atenção, faz com que eu não me acomode. O desafio é melhorar esse sistema, de forma que não seja tão desgastante, porque no meio do processo, quando parece que nada vai dar certo, certamente é desesperador. E no meio do processo é quando não da mais pra desistir.

E como melhorar esse sistema, esse redemoinho de possibilidades que vive aqui dentro? Como já nos ensinou FREIRE (1997:79) “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”.

Mas é possível ser mais perto? É necessário sempre ir a pé? A condução não pode ser mais confortável? O que será que será?

REFERENCIAL TEÓRICO

- BACHELAR, Gaston. **A água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria.** São Paulo: Martins Fontes, 1998
- BACHELAR, Gaston. A Psicanálise do Fogo. São Paulo: Martins Fontes, 2008
- BACHELAR, Gaston. A Poética do Devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1998
- BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2002
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido** e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Artigo. (tradução: João Wanderley Geraldi)
- BURNIER, Luís Otávio. **A arte do Ator da Técnica a Representação.** Campinas, Editora da Unicamp, 2001.
- CAVINATO, Andrea. **Processos de criação na reintegração da dualidade corpo-alma.** In: **Anais do IV Colóquio Internacional Educação, Imaginário, Mitanálise e Utopia.** Niterói: Universidade Federal Fluminense, FF, 2011
- DEWEY, John. **Arte como Experiência.** In: Os pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1974
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997
- HOLM, Ana Marie. **Fazer e pensar Arte.** São Paulo: MAM, 2005
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação.** Rio de Janeiro: Editora Vozes.. 187p. 1977.
- PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand.** Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2010
- SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de Aula.** Tradução e introdução: Ingrid Koudela. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007
- SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais. O Fichário de Viola Spolin.** Tradução e introdução: Ingrid Koudela. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- USAFZAI, Malala e Christina Lamb. **Eu Sou Malala.** São Paulo: Companhia das letras, 2013

Webgrafia

Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/11217/10278>> Acesso em 30/05/2022

Vídeos

Trailer documentário Malala de Davis Guggenheim. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yBKmxuOuZmY&t=13s>> Acesso em 10/06/2022

Animação Mulheres Fantásticas. Disponivel em: <https://www.youtube.com/watch?v=aIUvH5b0A_8>

Site

<https://www.encena.art.br/>